

A IMPORTÂNCIA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA CÍNICA

Rafael Parente Ferreira Dias¹
Universidade Estadual de Roraima (UERR)

RESUMO:

Este artigo pretende apresentar a visão cínica sobre a Felicidade e os meios para atingi-la. Opondo-se aos costumes sociais, os cínicos farão severas críticas à sociedade grega. A Filosofia cínica surge como um antídoto a essas intempéries sociais, propondo uma mudança de paradigma, denunciando como falsas às ambições humanas e indicando um novo caminho: o domínio de si, a indiferença aos prazeres convencionais como única via de acesso à Felicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cinismo; Felicidade; Autodomínio; Moral.

THE IMPORTANCE OF HAPPINESS IN PHILOSOPHY CYNIC

ABSTRACT:

This article aims to present a cynical view about happiness and the means to achieve it. Contrary to the social customs, the cynics will make severe criticisms of Greek society. The cynical philosophy emerges as an antidote to these social elements, proposing a paradigm shift, denouncing as false to human ambitions and indicating a new path: self-control, indifference to conventional pleasures as the only access road to Happiness.

KEYWORDS: Cynicism; Happiness; Self-control; Moral.

Introdução

O Movimento Cínico marcou profundamente a História da Filosofia grega. O estilo de vida abnegado, o despudor aos convencionalismos sociais, aliados a uma singular moralidade, davam ao cinismo um matiz excêntrico, um estilo único, com intensa profundidade filosófica. Os cínicos

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF), Rio de Janeiro – Brasil. Professor da Universidade Estadual de Roraima (UERR), Roraima – Brasil. E-mail: rafael.dias@uerr.edu.br.

delegaram à humanidade princípios éticos significativos, que ainda hoje servem como objeto de inúmeras pesquisas acadêmicas. Neste artigo ficaremos ancorados na figura de Diógenes de Sinope, o cínico por excelência. Ele é sem dúvida nosso principal referencial. Destarte, com o objetivo de analisar e aprofundar os princípios cínicos postulados por Diógenes, apresentamos a citação de A. A. Long (2007, p. 41) que coloca a filosofia cínica baseada fundamentalmente em sete proposições:

- (1) A felicidade é viver de acordo com a natureza; (2) a felicidade é algo disponível para qualquer pessoa disposta a se dedicar a um treinamento físico e mental suficiente; (3) a essência da felicidade é o autodomínio, que se manifesta na capacidade de viver feliz mesmo nas circunstâncias mais seriamente adversas; (4) autodomínio é equivalente a, ou envolve, um caráter virtuoso; (5) a pessoa feliz, assim entendida, é a única pessoa verdadeiramente sábia, nobre e livre; (6) as coisas convencionalmente julgadas necessárias para a felicidade, como riqueza, fama e poder político, não têm nenhum valor na natureza; (7) os principais impedimentos à felicidade são falsos juízos de valor, juntamente com as perturbações mentais e o caráter vicioso que derivam desses juízos falsos.

Como podemos observar, esses princípios constituem a descrição de *eudemonismo*², ou seja, uma ética centrada na aquisição da felicidade. A proposta deste artigo é explicar dois importantes princípios mencionados acima (a proposição número 3 e 7), ainda que os outros cinco sejam igualmente importantes, não será possível explicá-los aprofundadamente, pois para isso seria necessário um maior número de laudas, o que tornaria o artigo exageradamente longo.

Análise da terceira proposição de Long

A terceira proposição é: “a essência da felicidade é o autodomínio, que se manifesta na capacidade de viver feliz mesmo nas circunstâncias mais seriamente adversas”. Nesta frase encontramos o conceito de “autodomínio” (*enkráteia*) que, como veremos a seguir, é um conceito já muito difundido na Grécia Antiga. Segundo Reale e Antiseri (1990, p. 91), a mais significativa manifestação da razão humana se dá naquilo que Sócrates denominou “autodomínio” (*enkráteia*). Abaixo, temos uma citação de Mondolfo (2004, p. 71) sobre esse conceito:

² *Eudaimonia*, palavra grega que, conforme o léxico de Peters (1974) significa Felicidade. Monique Canto (2007) defende a tese de que a ética *eudaimônica* de Sócrates teria influenciado todas as Escolas filosóficas do período helenístico. “É antes a Sócrates e às escolas socráticas, fundadas por ex-discípulos de Sócrates, que elas apelam” (SPERBER, 2007, p.102). Corroborando com a tese de Sperber, apresentamos esta citação de Mondolfo (1980, p.81) “A ética socrática foi justamente definida por Zeller como um *eudemonismo*”.

Sócrates é quem primeiro confirma esta lei interior, para a qual provavelmente introduziu no idioma de Atenas a nova palavra *enkráteia* (adotada logo, tanto por Platão como por Xenofonte e Isócrates), que significa autodomínio e que traz consigo implícito um novo conceito de liberdade interior.

O cinismo, principalmente Diógenes, incorporou a *enkráteia* socrática, percebeu a importância da abnegação e do autodomínio para a construção de um novo agente moral. Com perseverança, o cínico abstém-se de todas as necessidades supérfluas, indiferente às coisas mundanas, adquirir o domínio de si e funda assim bases sólidas para a consolidação de sua excelente tranqüilidade de alma.

Entretanto, é importante salientar que a indiferença cínica não significa um desinteresse por tudo, mas uma conversão do interesse para uma nova direção. Ao invés de buscar riquezas, o movimento cínico buscou o domínio de si, isto é, o total controle dos instintos e paixões. Sobre o autodomínio, Cazé e Branham (2007, p. 37) declaram: [...] “Em vez de tais atividades vãs, Diógenes treinava-se para lutar contra adversários existenciais como exílio, fome, pobreza, e morte. Para ele, essa era a única batalha a ser vencida.” Ora, vencer a si mesmo é a tarefa, por excelência, de Diógenes, esta é a mola propulsora de sua filosofia; no dever imperioso de conquistar a passividade, o cínico encontra uma das metas mais sublimes de suas vidas – a conquista da auto-suficiência (*autárkeia*)³. Cazé traz uma importante análise a esse respeito:

Quem, portanto, para os cínicos, é mais parecido com os deuses? Claramente os animais. Num número significativo de seus escritos, os cínicos apresentam os animais como exemplo para o homem, com base em que os animais têm muito poucas necessidades e oferecem os melhores exemplos vivos de auto-suficiência (CAZÉ, 2007, p. 73).

O conceito de auto-suficiência é apontado por Luis Navia (2009) como a essência do cinismo clássico. Isso acarreta uma renúncia completa à necessidade de todos os utensílios utilizados pelas convenções sociais. Nesse sentido, o conceito posiciona o cínico à parte de tudo e virtualmente o retira das exigências coercitivas sociais. Vivendo entre as pessoas, ele não é uma delas e, estando no mundo, não é parte dele, uma vez que proclama ter-se tornado auto-suficiente – só necessita de si mesmo – e independente – só cumpre as leis que ele mesmo outorgou. Portanto, ser auto-suficiente, na visão cínica, significa não ser dominado pelos instintos, não temer dizer a verdade, é vagar pelo mundo sem ter dívidas com a sociedade, tampouco

³ *Autárkeia*, termo grego traduzido como “auto-suficiência”, de acordo com o léxico de Peters (1974).

com as preocupações corriqueiras que assaltam a mente humana diariamente.

Os cínicos defendiam a liberdade de pensamento, atos e palavras. Simplicidade, retidão, desapego, todas essas virtudes conformam a proposta moral do movimento cínico; à vida deveria ser a pura expressão da liberdade, de modo que o homem pudesse viver sem tantos apegos e vãos prazeres sensoriais, contudo, conforme a filosofia cínica torna-se difícil qualquer expressão de tal Liberdade sem a virtude da abnegação e do autodomínio. Essas são qualidades essenciais que caracterizam e fundamentam o conceito de auto-suficiência, o qual foi abordado na citação anterior.

De acordo com Laërtius (2008, p. 169), Diógenes de Sinope⁴ costumava dizer “que os estultos obedecem às paixões da mesma forma que os escravos obedecem a seus senhores.” As paixões humanas, os desejos instintivos, todas essas emoções que surgem no interior do homem são pedras no caminho que conduz à felicidade. Sobre esse tema temos a contribuição de Juliano: “O escopo do cínico é fazer-se insensível ao prazer e à dor” (JULIANO, *Orationes* 7, apud NAVIA, 2009, p.202). Por isso que Diógenes insistia na necessidade de tomar uma direção contrária ao da sociedade, já que o desejo, a cobiça, a adesão aos atos passionais, são tendências morais marcantes das massas. Não obstante, Diógenes sempre buscou esquivar-se dos prazeres sensuais. “A alguém que tentava insistentemente obter os favores de uma cortesã, suas palavras foram: ‘queres obter, desventurado, o que é melhor não obter?’” (LAËRTIUS, 2008, p. 169). Encontramos nessa passagem mais uma vívida expressão do autodomínio (*enkratéia*), ou seja, da renúncia a certos prazeres. Percebe-se que Diógenes evitava com afincos as inclinações sexuais. Ele via nesses atos uma espécie de desmedida, uma entrega desenfreada aos instintos brutais, cujos efeitos nocivos desvirtuam a razão humana, conduzindo-a para uma direção oposta à felicidade. “Ele evita qualquer excesso na comida e renuncia aos prazeres da relação sexual” (JULIANO, *Orationes* 7, apud NAVIA, 2009, p.204).

Os cínicos buscam a serenidade no doce repouso da indiferença, rechaçando os anseios e formalismos sociais. Despojando-se de toda carga de desejos e apegos, situam-se em um estado denominado *ataraxia*⁵, isto é, cessação de perturbações, ausência de desejos. Esta indiferença ao prazer torna-os capazes de tolerar qualquer inconveniente físico, porque nada buscam, nada desejam, seguem o fluxo natural da vida, conformam-se unicamente com a assistência cedida pela natureza. A ausência de desejos

⁴ Os escritos de Diógenes de Laërtius (Séc. III d.C.) constitui a principal fonte bibliográfica sobre Diógenes de Sinope. O trabalho é valoroso porque contém uma coleção copiosa de anedotas ilustrativas da vida e da doutrina de inúmeros filósofos gregos.

⁵ *Ataraxia*, termo grego traduzido como “tranquilidade de alma”, de acordo com o léxico de Peters (1974).

pode ser bem exemplificada quando, certa vez, Diógenes pedia esmolas a uma estátua e, quando lhe perguntaram por que fazia isso, respondeu: “para habituar-me a pedir vão” (LAËRTIUS, 2008, p. 164). Portanto, bastar-se a si mesmo, para um cínico, é aceitar o fluxo natural da vida, sem desejos, sem apetites, apenas vivendo de forma simples, como a natureza determina. Apresentamos uma citação aristotélica, encontrada na obra de Navia, que traduz bem o estilo de vida cínico:

Há quatro razões pelas quais os cínicos são nomeados. Primeiro, por causa da indiferença e, ao modo de cães, comem e fazem sexo em público, caminham descalços e dormem em tonéis pelas encruzilhadas. A segunda razão é que o cão é um animal impudente eles cultuam a impudência como algo não abaixo da moderação, mas a ela superior. A terceira razão é que o cão é um bom guardião e eles guardam os princípios de sua filosofia. A quarta razão é que o cão é um animal discernidor, que pode distinguir os amigos dos inimigos. Assim, reconhecem como amigos os que se adaptam à sua filosofia e os acolhem gentilmente, ao passo, dos que não se ajustam, afastam-se latindo para eles. (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1411b, 24 apud NAVIA, 2009 p.77)

Hodiernamente, conceber a vida sem casa, bens ou luxo, parece muito incomum, mas o objetivo de Diógenes era justamente este: causar um estranhamento, chamar a atenção do público, mostrar que a vida pode ser vivida de uma forma muito diferente da convencional. Será que um grego da Grécia Antiga conseguiria viver como um errante, sem casa, sem luxo, sem pátria? Mas, segundo Diógenes, uma casa, por exemplo, é desnecessária, pois as árvores, as cavernas, ou mesmo um tonel podem nos proteger da chuva e do frio; analogamente, por que roupas caras, se um velho manto já é suficiente para proteger o corpo? Para quê um banquete suntuoso se uma simples fruta pode saciar minha fome? Do que adianta desejar a beleza corporal, se um dia, quando a irremediável morte chegar, vou perdê-la? A força da filosofia cínica reside na compreensão da futilidade dos desejos sociais. A proposta cínica é conseguir saltar por cima de todos esses anseios materiais e ainda sim permanecerem felizes por não mais terem tais perturbações. Até mesmo o dinheiro, tão desejado pelo homem, é motivo de crítica: “O amor ao dinheiro é a metrópole de todos os males” (LAËRTIUS, 2008, p. 165).

Áskesis: o rigoroso exercício cínico

No entanto, para renunciar dinheiro, mulheres, bens, é necessário um assaz esforço moral e até mesmo físico. Por isso apresentamos uma passagem significativa de Hadot que ilustra bem o caminho necessário para a realização da vida cínica.

[...] a ascese, a *ataraxia* (ausência de perturbação), a *autarquia* (independência), o esforço, a adaptação às circunstâncias, a impassibilidade, a simplicidade ou ausência de vaidade (*atyphia*), o impudor [...] Sua filosofia é totalmente exercício (*áskesis*) e esforço, pois os artifícios, as convenções e comodidades da civilização, o luxo e a vaidade enfraquecem o corpo e o espírito. Eis por que o gênero de vida cínico consistirá em uma preparação quase atlética, mas refletida, para suportar a fome, a sede, as intempéries, a fim de adquirir a liberdade, a independência, a força interior, a ausência de cuidados, a tranquilidade de uma alma que será capaz de se adaptar a todas as circunstância (HADOT, 2004, p. 164).

Esse método rigoroso delineado por Pierre Hadot lança-nos no bojo da filosofia cínica. O ascetismo que jaz no coração do pensamento de Diógenes não implica numa renúncia vã ao prazer, tampouco faz apelo à mortificação do corpo, semelhante aos faquires orientais. Segundo Hadot (2004), por meio da *askésis*, aprende-se a tolerar a dor, o sofrimento, e a desenvolver a indiferença necessária para enfrentar todas as eventualidades da vida cotidiana. A autodisciplina, a austeridade, cria no homem o hábito de dispensar as inumeráveis coisas que as pessoas comuns julgam necessárias para a felicidade e, por meio do exercício (*askésis*) moral regular, fortalecemos a vontade. Realmente, podemos dizer que o exercício moral dos cínicos é fundamental para a consolidação de sua filosofia e todas as suas ações. Para reforçar essa ideia, analisaremos a contribuição de Diógenes de Laértios: “quando perguntaram a Diógenes que proveito obtivera da filosofia, ele respondeu: ‘se nenhuma outra coisa, ao menos o de estar preparado para toda adversidade.’” Diógenes estava preparado porque o exercício disciplinado (*askésis*) era sua arma contra todas as adversidades. A esse respeito, diz Long (1988, p. 48).

Ele costumava oferecer provas de que a virtude era facilmente adquirida a partir do exercício [...] Ele dizia que nada na vida pode ser alcançado sem treinamento e que este pode superar qualquer outra coisa [...] De fato, o próprio desprezo do prazer é totalmente prazeroso depois que se torna habitual. Assim como os acostumados a viver prazerosamente acham desagradável passar para a situação oposta, aqueles cujo treinamento foi o inverso encontram mais prazer no desprezo aos prazeres em si.

A vida é uma interminável gangorra que hora inclina-se para a alegria e o bem-estar e hora inclina-se para adversidades e infelicidade. Diógenes não mais se preocupava com semelhantes oscilações, sabia tolerá-las com sabedoria, isso era parte de seu treinamento moral. No entanto, no mais das vezes, percebemos que as massas, por exemplo, para evitar que a gangorra incline-se para a infelicidade, inventam distrações, passatempos,

todas as formas de entretenimento e, para esquivarem-se da miséria, procuram prazeres e estímulos. Por conseguintemente, de acordo com a perspectiva cínica, com semelhante conduta, os homens não conseguem perceber que a felicidade está relacionada à vida simples e virtuosa. Portanto, o ensinamento de Diógenes caracteriza-se pela busca de atos virtuosos, objetivando como fim último a felicidade. O Imperador Juliano apreendeu bem essa idéia ao dizer: “a vida feliz é considerada a meta e o escopo final na filosofia cínica” (JULIANO, *Orationes* 6 apud NAVIA, 2009, p.164).

Ademais, Diógenes sempre apontou criticamente para a postura moral da sociedade grega. Ele insistiu em mostrar que as massas identificam a felicidade com o que ela não é, procuram-na onde ela não se encontra. Porquanto, de acordo com o movimento cínico, a menos que o homem renuncie a esta vida de convencionalismos e futilidades sociais, e dedique-se ao exercício das virtudes, ao treinamento físico e racional, não será possível tornar-se um cínico, um imperturbável, um indivíduo feliz.

Os impedimentos à aquisição da felicidade

Começaremos partindo da sétima proposição de Long (2007, p.41): “Os principais impedimentos à felicidade são falsos juízos de valor, juntamente com as perturbações mentais e o caráter vicioso que derivam desses juízos falsos⁶”. A filosofia cínica, principalmente na formulação de Diógenes, responde a algumas exigências morais para alcançar a felicidade. De fato, faz-se necessário que os homens se desfaçam de seus “falsos juízos”, a felicidade não poderia ser efetivada na vida humana com conceitos equivocados. Giovanni Reale (1990, p. 100) aponta de forma simples e objetiva, quais são esses falsos juízos: “a sede pelo poder, o desejo pela fama, brilho e sucesso”. Diógenes demonstrou, através de seu exemplar meio de vida, que sua busca não estava relacionada com os desejos e ambições de conquistas dos seres humanos. Sua verdadeira preocupação era livrar-se de todos os impedimentos mundanos, de todo tipo de convencionalismo. Portanto, a felicidade seria uma importante meta a ser alcançada, todavia não é possível alcançá-la sem renúncia. Renunciar aos anseios sociais, modificar a forma de pensar e agir, repudiar todos os vícios relacionados ao poder e à aquisição de bens, todas essas são transformações imprescindíveis para qualquer homem que anele alcançar a *eudaimonia*.

Diógenes procedeu de tal forma que nada lhe poderia ser roubado, pois que se libertou de tudo quanto fosse adventício [...] Cuida de teus negócios, ó Destino, pois que nada mais há

⁶ Esta é a sétima proposição de Long acerca das bases do cinismo que expus na segunda página.

em Diógenes que a ti pertença! (SÊNECA, *De tranquillitate animi*, 8, apud NAVIA, 2009, p.115).

Essa citação de Sêneca encaixa-se perfeitamente na proposta moral do cinismo. O método cínico para a felicidade é a ausência de apegos, perturbações, preocupações, aquisições mundanas. A pobreza e o isolamento transformaram-se, por sua iniciativa, num modo de vida fechado em si mesmo, pelo qual os valores – quaisquer que pudesse haver na sociedade – eram sumariamente afastados. Corroborando com essa ideia, apresentamos ainda outra passagem de Sêneca (1988, p. 204), na qual afirma, enfaticamente, que o desapego “é o que Diógenes compreendeu na sua sublime sabedoria; e dispôs-se de tal modo que nada lhe pudesse ser tirado.”

Percebe-se que tudo está submetido ao inexorável tempo, todos os homens podem sentir seus efeitos, por isso a qualidade do desapego é fundamental. A vida social é fugaz e escapa de nossas mãos; a saúde, a beleza, os bens, todas as coisas estão submetidas às implacáveis leis temporais, ou seja, nada escapa da ação voraz do tempo. Nesse sentido, cabe ao homem perceber que nada pode ajudá-lo, quer queira quer não, sempre estaremos submetidos aos efeitos da temporalidade e um dia perderemos nossas aquisições materiais. Destarte, Diógenes sempre utilizou como uma de suas principais ferramentas morais a virtude do desapego, esta é fundamental para diminuir os efeitos nocivos do tempo. De fato, podemos dizer que para conquistar a auto-suficiência, dentro da perspectiva cínica, é necessário não possuir tantos apegos e ambições materiais.

Podemos citar outro apego demasiadamente humano, a saber, a vaidade; sem dúvida, esse é mais um dos muitos “falsos conceitos” condenados pelo movimento cínico. Conta-se que certa vez Diógenes teria visto um jovem enfeitando-se, então disse: “se te adornas para os homens, és um tolo; se para as mulheres, és um impostor” (LAËRTIUS, 2008, p. 167). Novamente, Diógenes faz uma severa crítica ao aclamado egocentrismo da sociedade. A beleza corporal nunca foi motivo de exaltação para os cínicos, ao contrário, eram totalmente indiferentes a ela. De fato, é um equívoco social pensar que bonitos adereços ou belos adornos podem nos ajudar a adquirir alguma felicidade. Percebe-se que Diógenes coloca na vaidade e em todos os demais vícios a culpa pela infelicidade humana; em outras palavras, enquanto no interior do homem habitar estes apegos corporais, estéticos, nunca aflorará a autêntica vida feliz, conforme os moldes estabelecidos por Diógenes.

Segundo Navia (2009), Diógenes sempre será caracterizado como o filósofo da indiferença, aquele que percebeu a influência negativa dos “falsos conceitos”; mesmo sendo privado pela sociedade do “luxo” e do “conforto”, e, sobretudo, do privilégio de pertencer a ela, não se abala, segue sua vida no doce aroma da indiferença. Porquanto, o cinismo alerta que o temor pela perda e o compromisso de representar um papel social faz

com que o indivíduo seja gradualmente mais artificial, com mais angústias, com mais necessidades e menos liberdade. A vida social distrai, perverte as metas mais elevadas da vida, não nos ajuda a perceber a causa de nossa infelicidade, pelo contrário, de forma quase automática, fomenta nossa adesão ao mundo das frivolidades, das conveniências sociais, e nos cobra alto preço pela adesão - a Felicidade!

Conclusão

“Conta-se que Diógenes teria dito que qualquer um que quisesse ser feliz deveria começar seguindo a trajetória inversa da maioria das pessoas. Ele exemplificou essa ideia entrando nos teatros ao cabo das apresentações, justo quando os espectadores saíam, ou caminhando para trás pelas ruas”. (NAVIA, 2009, p. 166) Diante de tal situação, qual base filosófica será mais importante do que aquela que busque mostrar todos estes vitupérios humanos? O olhar trágico dos cínicos, judiciosamente, repercute em sua filosofia de vida; ora, na visão cínica, trágica é a condição humana, então trágica também deve ser o antídoto para curá-la. O antídoto mais eficaz encontrado por Diógenes foi transformar-se em um fiel defensor da vida abnegada, isto é, o homem simples, cuja vida está voltada para a virtude interior, estará mais próximo de ser livre e feliz, mesmo vivendo na polis. Ora, em um mundo cujos valores morais se alteram constantemente, onde a competição entre os indivíduos é fomentada por promessas cada vez maiores de bens materiais; evocar a filosofia cínica é acreditar que a moral e a filosofia podem servir de fundamento para uma melhor qualidade de vida individual e coletiva.

Este artigo tem como principal escopo a reflexão moral de nossas ações. Os atos excêntricos de Diógenes, no fundo, visavam a esta mudança de paradigma social, a uma inversão dos valores morais vigentes. Diógenes queria acabar com a marcada tendência de se acreditar que os bens materiais podem nos trazer a felicidade; conforme a visão cínica, a cegueira da sociedade traduz-se pela insaciável cobiça por títulos, status, dinheiro; toda riqueza externa conduz não só o indivíduo, mas também a coletividade para um diminuto avanço moral. Portanto, faz-se necessário um redirecionamento ético, uma reflexão sobre a moralidade, uma revalorização das virtudes, bem como uma releitura do cinismo, com o intuito de ampliar e aprofundar criticamente nossos conceitos morais.

Referências bibliográficas

CANTO-SPERBER, M. (org). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. Tradução de Ana Maria Ribeiro-Althoff, Magda França Lopes, Maria Vitória Kessler de Sá Brito, Paulo Neves. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

- _____. C. *Filosofia Grega*. Tradução de Paulo Neves. Paris, PUF, 1997.
- CAZÉ M. E BRANHAM R. *Os cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo, Loyola, 2007.
- DUDLEY, D. *A History of Cynism*. London: Editora Methuen, 1937.
- HADOT, P. *O que é a Filosofia Antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2004 (2ª Ed.).
- _____. *Elogio de Sócrates*. Tradução de Marcos Velásquez. Barcelona: Paidós Ibérica 2008 (2ª Ed.).
- LAËRTIUS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.
- LONG, A. A. *A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética helenística*. In: CAZÉ M. E BRANHAM R. *Os cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo, Loyola, 2007.
- MONDOLFO, R. *Sócrates*. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo, Mestre Jou, 1980.
- NAVIA, L. *Diógenes, o cínico*. Tradução de João Miguel Moreira. São Paulo, Odysseus, 2009.
- PETERS, F.E. *Termos Filosóficos Gregos*. Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- REALE, G; DARIO, A. *História da filosofia antiga, vol. I*. Tradução de São Paulo: Paulinas, 1990.
- SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Tradução de Jaime Bruna. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.